

VIII Congreso Latinoamericano de Ciencia Política
Pontificia Universidad Católica del Perú
Lima, 22-24 de julio de 2015
Área temática 'Juventud, participación y redes sociales'

Juventude e democracia: percepção dos jovens de São Paulo – SP*

Humberto Dantas¹
Rodrigo Estramano de Almeida²

Resumo: São Paulo é a maior cidade da América Latina com cerca de 11,5 milhões de habitantes e palco de desigualdades expressivas no campo social e econômico. Ao longo principalmente de 2013, a cidade assistiu manifestações das mais diferentes contra uma série de questões associadas às instituições políticas nacionais, estaduais e municipais. O movimento tomou conta do país e despertou debates sobre a participação, principalmente dos jovens, na política.

Desde então a Fundação Escola de Sociologia e Política (FESP-SP) desenvolveu dois surveys, um em 2013 com 400 casos e outro em 2014 com 1.130 casos, sob os títulos “O jovem e o futuro na cidade de São Paulo” (2013) e “O jovem e a política na cidade de São Paulo” (2014). No mesmo período, a Fundação Konrad Adenauer realizou 20 cursos de iniciação política em ONG’s que atendem jovens nas periferias de São Paulo. Aos participantes foram aplicados questionários, num total de 160 jovens em 2013 e 429 em 2014. A partir desses dois levantamentos é possível extrair percepções consistentes acerca da visão de parte dos jovens da cidade sobre política.

Assim, com base em tais pesquisas o intuito maior deste trabalho é promover uma análise dos resultados obtidos, inclusive promovendo o cruzamento de alguns dados dos dois levantamentos com o objetivo de caracterizar a relação entre os jovens e suas percepções sobre eleições, partidos políticos, meios de comunicação, instituições formais, aspectos culturais e toda uma gama de questões relacionadas ao funcionamento de uma democracia.

* Trabajo preparado para su presentación en el VIII Congreso Latinoamericano de Ciencia Política, organizado por la Asociación Latinoamericana de Ciencia Política (ALACIP). Pontificia Universidad Católica del Perú, Lima, 22 al 24 de julio de 2015.

¹ Professor e pesquisador do Insper e coordenador do curso de pós-graduação em Ciência Política da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (FESPSP). humbertodm@insper.edu.

² Professor e pesquisador da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (FESPSP) e pesquisador do Núcleo de Estudos em Arte, Mídia e Política (NEAMP) da PUC-SP. restramano@fespsp.org.br

Introdução

Este *paper* objetiva uma reflexão sobre o estado atual da cultura política do jovem da cidade de São Paulo, sobretudo após as denominadas 'jornadas de junho' de 2013, quando milhares de manifestantes saíram às ruas da maior cidade brasileira para protestar, inicial e aparentemente, contra as tarifas de transporte público.³

A pauta inicial dos protestos, capitaneados pelo Movimento Passe Livre (MPL), em pouco tempo fragmentou-se em diversas demandas cuja tonalidade geral era o descontentamento, para não dizer o descrédito, principalmente dos mais jovens, em relação às instituições políticas, tais como o parlamento, os governos e os partidos políticos em geral.

Estas mobilizações ocorridas, primeiro na cidade de São Paulo, acabaram por dar vazão a um espírito geral de descontentamento que gerou manifestações em diversas capitais e/ou cidades importantes de todo país.

Desde então as ruas brasileiras e principalmente as ruas da capital paulista, foram palco de diversas manifestações de todos os tipos, de diversas tendências, diversos grupos, pautas etc. Falou-se e ainda fala-se que aquele junho de 2013 significou algo como a 'abertura de uma caixa de pandora' e que dela saíram tantas tendências - muitas delas conservadoras - que ficou difícil compreender a opinião pública.

Entretanto, foi o estrato jovem da população que primeiro encheu estas manifestações e tornou-se, pois, urgente, sobretudo às ciências sociais, compreender a atitude e o comportamento destes em relação à política e às instituições democráticas.

Neste contexto a Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo realizou duas pesquisas de opinião com jovens residentes na capital paulista.

A primeira 'O jovem e o futuro na cidade de São Paulo: atitudes, comportamentos e expectativas do jovem paulistano' (FESPSP, 2014a) foi realizada entre os dias 4 e 18 de novembro de 2013 quando foram entrevistados 409 jovens em pontos de fluxo da região central da cidade. Para compor a amostra com erro de 5 pontos e nível de confiança de 95% foram entrevistados indivíduos com idade declarada entre 15 anos e 29 anos⁴ que diziam residir na cidade de São Paulo. Dos 409 jovens entrevistados, 231 eram homens e 178 mulheres.

O objetivo da pesquisa era compreender como os jovens da cidade se comportavam em relação ao espaço público e também como avaliavam o presente e o futuro da cidade. Para isso eram instigados a projetar a avaliação de serviços e instituições públicas 30 anos a frente.

A segunda pesquisa intitulada 'O jovem e a política na cidade de São Paulo: confiança e participação nas instituições' (FESPSP, 2014b) contou com uma amostra consideravelmente maior que a primeira, pois foram entrevistados 1.130 jovens moradores da capital paulista. Assim, considerados os mesmos 95% de intervalo de confiança pôde-se diminuir o erro, ficando este em 3 pontos para baixo ou para cima. Nesta pesquisa os jovens entrevistados responderam à questões sobre confiança e participação políticas na atualidade.

³ Sobre as 'jornadas de junho' ver (ORTELLADO; JUDENSNAIDER; LIMA; POMAR, 2013 e GOHN, 2014.)

⁴ O intervalo etário utilizado foi baseado naquele definido no Estatuto da Juventude, instituído pela Lei 12.852 de 5 de agosto de 2013. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2013/Lei/L12852.htm. último acesso em mai.2015.

Sem o objetivo claro de dialogar com os movimentos de 2013, um terceiro estudo será utilizado aqui para a compreensão de nosso objeto central: a percepção dos jovens de São Paulo, a maior cidade da América Latina, sobre a democracia. Nesse caso, em especial, a análise voltará sua atenção para questionários aplicados em cursos de Iniciação Política desenvolvidos nas periferias de São Paulo – e em cidades da Região Metropolitana da capital – pela Fundação Konrad Adenauer do Brasil. Trata-se de uma atividade desenvolvida desde 2008 por cientistas políticos que em três encontros, de três horas cada um, debatem conceitos e fundamentos da política. A atividade começou de maneira embrionária em 2008 e estava destinada a lideranças comunitárias. A partir de 2011 se voltou para o atendimento de jovens de escolas públicas e, em 2013 teve seu foco novamente alterado. Desde então os cursos passaram a ser oferecidos para jovens de projetos sociais realizados por organizações localizadas nas mesmas localidades em que o projeto sempre atuou. É esse o público que será analisado: jovens que após um curso de Iniciação Política responderam a questionários que tinham como objetivo avaliar a atividade e, principalmente, conhecer o envolvimento desses cidadãos com aspectos associados à democracia.

Ainda, vale ressaltar, na primeira pesquisa, boa parte das questões foi voltada à temática de viver e morar na cidade e algumas poucas foram diretamente direcionadas às manifestações e à temática da democracia. Já na segunda e na terceira pesquisa quase todas as questões do inquérito foram voltadas diretamente à opinião do jovem sobre a política e a democracia.

Aqui, considerando algumas das questões que julgamos mais relevantes em cada pesquisa, vamos jogar luz no que atende o objetivo deste ensaio, qual seja: o de rascunhar alguma compreensão sobre a percepção que os jovens da cidade de São Paulo têm da democracia.

Estado atual da cultura política do jovem da cidade de São Paulo

Considerando os dados das duas primeiras pesquisas citadas, pode-se perscrutar alguma compreensão sobre o que aqui denominamos o 'estado atual' da cultura política do indivíduo com idade entre 15 e 29 anos residente na cidade de São Paulo.

Aqui a noção de 'cultura política' diz respeito às noções subjetivas que os indivíduos deixam transparecer em suas atitudes e comportamentos relacionados à vivência cotidiana da política, considerando suas dimensões sociais e institucionais. Estamos, pois, fazendo uso muito próximo da definição de Kuschnir e Carneiro (1999, p.227) que propõem cultura política como a noção que se refere "ao conjunto de atitudes, crenças e sentimentos que dão ordem e significado a um processo político, pondo em evidência as regras e os pressupostos nos quais se baseia o comportamento de seus atores".

É, pois, sob esse diapasão operacional que colocaremos relevo 'no que pensam os jovens da cidade de São Paulo' sobre a democracia e suas instituições. Os dados da primeira pesquisa são sugestivos sobre a realidade local; as outras duas pesquisas trazem informações mais amplas que de algum modo aludem e/ou se relacionam à realidade nacional.

No inquérito de 2013 sobre a cidade hoje e no futuro, os entrevistados foram instados a dar uma nota numa escala de 0 (péssimo) a 10 (ótimo) para os serviços

públicos da prefeitura; a atuação do Poder Executivo da cidade, leia-se o prefeito e; a atuação dos vereadores, isto é do Poder Legislativo municipal.

Os serviços da prefeitura alcançaram uma média de 4,3 pontos e 5 de mediana. O prefeito atingiu uma mediana de 4 pontos e os vereadores 3. Em relação a estes últimos chama a atenção a moda obtida: 0. E nenhum entrevistado deu nota 10 aos vereadores. Para efeito de comparação, o prefeito Fernando Haddad que no momento estava com a sua popularidade ferida por conta das manifestações, teve moda 5, assim como os serviços da prefeitura.

Ora, as medidas de tendência centrais obtidas na avaliação dos serviços da prefeitura e do prefeito podem ser consideradas algo como entre ruim para boas, mas o Poder Legislativo acaba sendo avaliado pelos jovens como algo entre o ruim e o péssimo (FESPSP, 2014a). Nesse caso, chama a atenção o alinhamento com outras pesquisas de percepções institucionais que, no Brasil, costumam colocar o Poder Executivo, normalmente, em condição menos negativa que o parlamento. Para citarmos um exemplo: a pesquisa denominada Índice de Confiança Social (ICS) realizada anualmente pelo Instituto Ibope desde 2009, mostrava que no período o Congresso Nacional atingia índices de confiança - que variava de 0 a 100 pontos - sempre inferiores a 40 pontos, com pico de 38 em 2010 (ano de eleições para o parlamento nacional) e mínima de 29 em 2013, momento das manifestações, sendo que o levantamento foi realizado em meio aos protestos por uma questão de agenda da pesquisa. O Presidente da República, por sua vez, registrou pico de 69 pontos em 2010 e mínima de 42 pontos em 2013. Os governos municipais em geral, nessa pesquisa, oscilaram entre 53 (2009) e 41 (2013).⁵

Na mesma pesquisa da FESPSP os entrevistados foram indagados sobre os possíveis efeitos positivos das manifestações que ocorriam à época. 77% dos jovens concordaram totalmente ou em parte com a afirmação 'as recentes manifestações políticas são positivas para a cidade de São Paulo', indicando uma atitude favorável em relação a esta forma de participação política como capaz de promover o aperfeiçoamento e alcance de melhorias do meio em que vivem (FESPSP, 2014a).

No mesmo sentido, procurando avaliar o que o jovem considerava mais importante para a realização de melhorias na cidade de São Paulo, uma lista de 5 alternativas foi oferecida aos entrevistados. As opções tinham o objetivo de verificar se os jovens consideravam mais importante o poder executivo (27%); o poder legislativo (19%); a participação em eventos públicos da cidade (39%); a participação comunitária (8%) ou; o voluntariado (7%) para a cidade tornar-se melhor no futuro. Assim, de certo modo, nossa intenção era de saber se a crença em um futuro melhor estava, em termos políticos, baseada na representação política tradicional ou na participação, como algo mais ativo e sinônimo de um protagonismo mais acentuado (FESPSP, 2014a).

Seguindo o padrão de uma atitude favorável à manifestação política, tal como descrito acima, mais uma vez, a participação em eventos públicos alcança uma frequência notória, ainda mais se somadas à participação em associações de bairro (47%). Não obstante, a crença de que votar em prefeitos e vereadores melhores, isto é, a representação política formal, é importante para que a cidade melhore no futuro, praticamente empata (46%) (FESPSP, 2014a). Isso representa uma crença em canais

⁵ IBOPE, 2014. <<<http://www.ibope.com.br/pt-br/noticias/Paginas/Ap%C3%B3s-queda-acentuada-em-2013,Indice-de-Confianca-Social-se-estabiliza.aspx>>> Acesso em: jun.2015.

de participação, novos valores que podem estar presentes diante dos clássicos dilemas da democracia representativa (Bobbio, 1986 e Dahl, 2001) ou apenas inspirava um instante de efervescência da cidade e do país? Tais aspectos são relevantes de serem debatidos, e poderemos apontar alguns dos rumos com base nos outros levantamentos.

Na segunda pesquisa 'O jovem e a política na cidade de São Paulo' 41% dos entrevistados disseram ter participado em alguma manifestação na cidade, desde de junho de 2013 - a pesquisa foi realizada no segundo semestre de 2014 (FESPSP, 2014b). Assim, mais uma vez, pode-se registrar um percentual considerável de jovens participantes da política, mas outros dados da mesma pesquisa demonstram que esta pontuação só se verifica em relação à participação mais livre, sem o compromisso partidário ou institucional. Dos 1.130 jovens entrevistados apenas 3% responderam estar filiados a algum partido político. 7% dos entrevistados disseram estar associados a algum sindicato ou entidade de classe; não mais que 5% disseram participar regularmente de uma associação de bairro. Ainda, pouco mais de 8% respondeu afirmativamente quando indagados sobre a participação em alguma atividade de militância em movimento político ou social. Considerando a margem de erro (3 pontos para cima ou para baixo) os percentuais de participação política do jovem na cidade de São Paulo não ultrapassam com vigor os 10% de indivíduos que dizem estar filiados e/ou integrar atividades políticas em quaisquer que sejam as instituições. Para que se registre, apenas a participação em atividades assistenciais como voluntários atingiu 17% das respostas positivas (FESPSP, 2014b). Interessante como os resultados se aproximam de pesquisa destacada por Dantas e Caruso (2011) com jovens do ensino médio da zona sul de São Paulo realizada em 2005. Os autores apontam que a 'participação ativa', considerada como algo praticado assiduamente pelos jovens em grêmios estudantis (3,1%), ONG's ambientais (1,3%), ONG's políticas (0,4%), associações de bairro (0,8%), partidos políticos (0,3%) e reuniões de ferramentas de democracia participativa (1,3%) não atingem em caso algum mais de 4% dos entrevistados. As passeatas, que se tornaram "comuns" em 2013 não atingiam sequer 1% dos jovens estudantes do ensino médio entrevistados à época.

Até aqui pode-se denotar que a participação dos jovens em manifestações na cidade de São Paulo é bastante expressiva no levantamento de 2013, mas vale lembrar que boa parte dessas, inclusive aquelas com maior número de participantes, não foram (como não estão sendo) impulsionadas por partidos políticos ou movimentos sociais específicos - não obstante, diga-se de passagem, alguns pequenos grupos têm tentado, sem sucesso, se apropriar das manifestações. O que mais se verificou nesses movimentos foi justamente a recusa aos partidos políticos, entidades de classe e movimentos sociais. Além disso, se compararmos os dados com aqueles levantados em 2005 e mostrados em Dantas e Caruso (idem) é possível verificar que por mais que possa existir diferença entre a faixa etária dos levantamentos, não é absurdo algum cogitar a tese de que em 2013, de algum modo, "o gigante acordou" - termo utilizado no Brasil em alusão a um ativismo até ali considerado incomum no plano histórico.

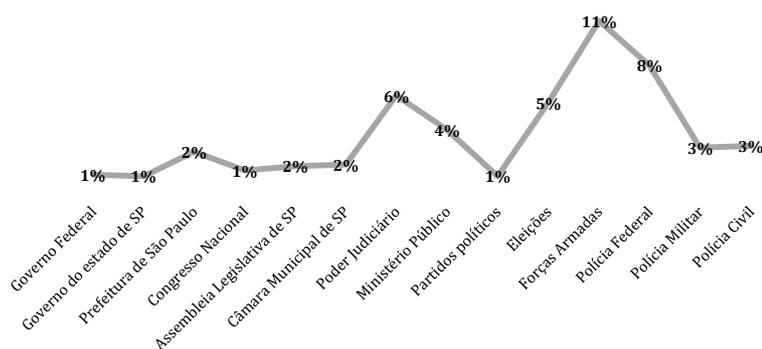
A resposta a esta fuga da participação nas instituições políticas típicas deve estar, com boa dose de chance de acerto, relacionada à questões históricas de uma cultura política rarefeita, resultado de uma democracia constituída desde o alto por processos de modernização conservadora.⁶ Ainda, o baixo nível de confiança nas

⁶ Cf. BAQUERO, 2001 e o capítulo final de FAORO, 2001.

instituições verificado entre os jovens são indícios dessa atitude desfavorável à democracia pelas vias tradicionais (Gráfico 1).

Das 14 instituições avaliadas, apenas uma – forças armadas - ultrapassou 10% das respostas. A polícia federal alcança o segundo lugar (8%) e o poder judiciário o terceiro, com 6% das respostas que indicam confiança total. Destaquemos aqui o perfil hierarquizado e/ou encastelado de tais instituições em nossa sociedade.

Gráfico 1 – Confiança dos jovens paulistanos nas instituições



Fonte: Núcleo de Pesquisas - FESPSP - 2014

Trazendo à discussão o terceiro estudo, é possível separar os questionários aplicados nos cursos da Fundação Konrad Adenauer em dois anos. O primeiro conjunto, de 160, foi aplicado em dez turmas de cursos de iniciação política em 2013. O segundo, em 2014, foi respondido por 429 jovens. Em ambos os casos os estudantes tinham entre 15 e 18 anos de idade. A pesquisa, importante ressaltar, foi aplicada após a realização das atividades de educação política, o que significa dizer que os jovens foram impactados por um conteúdo de formação que tratou de temas como a Democracia, a ética na política, a conquista de direitos no Brasil, o conceito de cidadania, a participação política e a estrutura do Estado nacional.

O primeiro dado que chama a atenção está associado ao apego dos jovens aos meios de comunicação. A relação com diferentes canais de informação política tem forte associação com o conceito de democracia. Quando questionados sobre quais os principais canais utilizados em uma lista de oito alternativas, a média de adesão foi de quatro canais por aluno em 2013 e 3,9 em 2014, cenário inalterado e que pode ser considerado positivo pelo fato de que apenas 9% dos alunos nos dois anos indicaram que se utilizam de um ou de nenhum dos canais de informação apresentados na pesquisa. Os principais meios destacados foram: a TV (90% nos dois anos) e os sites (54% em 2013 e 51% em 2014). As redes sociais registraram 41% nos dois anos, e a escola mobilizou apenas um terço dos respondentes.

Outra informação relevante e que reforça os dados das pesquisas da FESPSP está associada à relação com os partidos políticos. Quando questionados se mantêm relações de simpatia ou adesão formal a alguma legenda, 85% dos respondentes em

2013 disseram que não têm qualquer relação com os partidos políticos. O número cai de forma significativa para 70% em 2014, o que pode estar relacionado ao ano eleitoral e ao afastamento do período crítico de manifestações de 2013. Na pesquisa do Ibope citada anteriormente, a confiança dos brasileiros nos partidos atingiu o índice mínimo de 25% em 2013 e em 2014 ficou em 30%. Quando observadas as legendas que contam com maior simpatia, o PT (Partidos dos Trabalhadores) foi citado por mais de 60% dos simpatizantes nos dois anos da pesquisa. Destaque, nesse caso, para o fato de o público entrevistado viver em áreas em que a legenda tem fortes redutos eleitorais.

Por fim, um conjunto de oito sentenças foi apresentado aos participantes dos cursos e a eles foram oferecidas cinco respostas: “concordo totalmente”, “concordo em partes”, “discordo em partes”, “discordo totalmente” ou, por fim, “não tenho opinião sobre o assunto”. A frase que mais atraiu os alunos foi “a educação política deve ser oferecida nas escolas”, reforçando a ideia da disseminação de conteúdos para a participação política formal, a despeito de muitos de seus mecanismos não contarem com expressiva credibilidade, de acordo com levantamento da FESP-SP. Nesse caso, em 2013 e em 2014, rigorosamente 69% dos estudantes concordaram totalmente com a sentença. Em seguida, em 2013, 39% concordam totalmente com a ideia de que num regime democrático somos responsáveis por nossa realidade, número que atingiu 44% em 2014. Positivamente ainda temos 31% dos jovens, em ambos os anos, concordando totalmente com a ideia de que devemos nos aproximar dos partidos, o que carrega a lógica de responsabilização da sentença anterior e sugere que uma das formas de aprimorarmos as instituições é nos envolvendo com elas.

No que diz respeito à corrupção, a concordância plena com a sentença que afirma ser este o maior problema do Brasil, atingiu 29% dos jovens em 2013 e 27% em 2014, lembrando que tal pauta esteve fortemente ligada às manifestações no país. Além disso, positivamente, é baixa a concordância plena com a ideia de que todos os políticos são corruptos: 14% em 2013, um ano mais refratário aos representantes, e 10% em 2014. Por fim, merece destaque o fato de que 14% dos respondentes em 2013 e 16% deles em 2014 concordam fortemente com a ideia de que legisladores devem “favores” aos cidadãos. Esta seria uma forma de debatermos a que ponto o indivíduo é capaz de entender a atuação de parlamentares como garantidoras de direitos e não de gentilezas, algo bastante comum em uma cultura patrimonialista e clientelista como a brasileira.

Negativamente, merecem destaque aspectos como o baixo índice de concordância com a capacidade de a imprensa informar bem o cidadão (o que por outro lado pode ser visto como a acentuação de um senso crítico relevante) e o descompromisso das escolas em formar cidadão. No primeiro caso a concordância em relação ao bom papel dos meios de comunicação atingem 16% em 2013 e 13% em 2014, e ao bom papel da escola 7% e 9% respectivamente nos anos abordados.

Alguma conclusão

O que as pesquisas realizadas nos cursos da Fundação Konrad Adenauer em São Paulo nos mostram é uma reprodução preocupante de certos afastamentos em relação à política formal mas, após uma atividade de educação política, uma aproximação razoável com meios de comunicação e formas de buscar informações política, bem como um reconhecimento de valores democráticos como a adesão a

legendas – por mais que a realidade, tal como registram as pesquisas da FESPSP, coloque os jovens distantes de tais organizações (o que pode ser uma nítida questão da faixa etária) –, interesse em educação política etc. Aqui, como aspecto a ser debatido, temos a distância entre o reconhecimento da política como tema central na formação dos jovens, e o não compromisso das escolas com a formação de cidadãos.

É a partir deste ponto que, talvez, possamos pensar que uma maior confiança dos jovens em instituições de justiça e controle, em detrimento das instituições de representação e participação seja de fato algo inscrito na história. História esta construída e reproduzida pela escola que é espaço privilegiado de socialização que ao não abordar de forma sistemática questões relacionadas à política, sobretudo nos aspectos da realidade nacional, acaba por conservar uma cultura política desconfiante nos mais jovens. Praticamente 95% dos jovens entrevistados nas pesquisas da FESPSP cursaram ou cursam os níveis esperados de escolaridade para a faixa etária.

Na maior cidade brasileira, onde a complexidade urbana, os conflitos, a informação e a modernidade se apresentam com vigor, o jovem escolarizado parece nos dizer duas coisas: desconfio das instituições políticas tradicionais e; preciso de mais e melhor informação sobre a política de meu país.

Assim, os jovens da cidade de São Paulo parecem desconfiar das instituições políticas tradicionais, talvez, por não saber muito delas. E desconfiam mais daquelas sobre as quais os princípios da democracia lhe imputam maior responsabilidade – falamos aqui das instituições cujos principais cargos são preenchidos por meio de eleições. Não obstante, os jovens participam em novas formas de manifestação ao mesmo tempo em que anseiam saber mais sobre política. Estes parecem, pois, portando suas faixas nas dezenas de manifestações sem partidos, mostrar uma coisa: interesse em política. Não seria ensejado o momento de levar a política para a sala de aula? O jovem paulistano parece dizer que sim.

Referências

BAQUERO, Marcello. Cultura política participativa e desconsolidação democrática: reflexões sobre o Brasil contemporâneo. *São Paulo em perspectiva*, São Paulo, v.4, a.15, 2001, p.98-104.

BRASIL. *Lei nº 12.852, de 5 de agosto de 2013*. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2013/Lei/L12852.htm Acessado em: mar.2015

BOBBIO, N. *O futuro da democracia: uma defesa das regras do jogo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

DAHL, Robert. *Sobre a democracia*. Brasília: UnB, 2001.

DANTAS, H.; CARUSO, V. Politização nas escolas: o quanto os jovens compreendem essa demanda. *E-legis*, Brasília, n. 7, p. 22-33, II semestre, 2011.

FAORO, Raymundo. *Os donos do poder: formação do patronato político brasileiro*. São Paulo: Editora Globo, 2001.

FESPSP. *O jovem e o futuro na cidade de São Paulo: atitudes, comportamentos e expectativas do jovem paulistano*. 2014a. 72 f. Relatório (relatório descritivo de pesquisa) – Núcleo de Pesquisa em Ciências Sociais, Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo, São Paulo, 2014. Disponível em: http://www.fespsp.org.br/upload/documentos/arq_08042014_042204.pdf. acessado em: mai.2015.

FESPSP. *O jovem e a política na cidade de São Paulo: confiança e participação nas instituições*. 2014b. Infográfico. (infográfico descritivo de pesquisa) – Núcleo de Pesquisa em Ciências Sociais, Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo, São Paulo, 2014. Disponível em: http://www.fespsp.org.br/upload/documentos/arq_30092014_034200.pdf. acessado em: mai.2015.

GOHN, Maria da Glória. *Manifestações de junho de 2013 no Brasil e praças dos indignados no mundo*. São Paulo: Vozes, 2014.

KUSCHNIR, Karina; CARNEIRO, Leandro Piquet. As dimensões subjetivas da política: cultura política e antropologia da política. *Estudos Históricos*, v.24, 199, p.227-250.

MOISÉS, José Álvaro. *Cidadania, confiança e instituições democráticas*. Lua Nova, São Paulo, n.65, p.71-94, 2005.

ORTELLADO, Pablo.;JUDENSNAIDER, Elena.; LIMA, Luciana.; POMAR, Marcelo. *Vinte centavos: a luta contra o aumento*. São Paulo: Veneta, 2013.